

Posicionalidade, Suplementos e Ditos: Uma análise com Heidegger, Derrida e Levinas

Bianca de Oliveira Corrêa

Resumo: Um dos conceitos mais importantes para a filosofia de Heidegger é *Gestell*, sendo uma de suas traduções possíveis: *posicionalidade*. Falar em *Gestell*, para Heidegger, convoca a questão da metafísica ocidental em seu percurso niilista em busca do des-velamento do ser. No entanto, o autor pontua que “a maestria de todas as distâncias não traz qualquer proximidade”, de modo que a busca pela verdade do ser, trabalho da ontologia, extraindo o inteligível, a serviço da técnica, não se aproxima, mas se afasta da verdade. O texto busca interpretar o conceito de *posicionalidade* de Heidegger enquanto presente no desenrolar da ontologia, que não só convoca o ente a apresentar-se, como ela mesma está sujeita a ordenabilidade da *Gestell*. Em seguida, o texto recorre à noção da “escrita”, que para Derrida, será pensada como suplemento, signo do que não está presente, remetendo sempre a outros signos ao buscar sua definição. Percebe-se novamente a essência como não presenciável enquanto signo. Por fim, convoca-se o conceito de *Dito* de Levinas, que sinaliza o ausente, a saber, o *Dizer*, anterior ao sistema linguístico e qualquer outro signo, e que é submetido ao *Dito* como consequência da necessidade humana por inteligibilidade. Assim, pretende-se relacionar a escrita enquanto suplemento de Derrida e o *Dito* para Levinas como manifestações da *Gestell*.

Palavras-chave: ontologia, *Gestell*, *posicionalidade*, suplemento, *Dito*.

Abstract: One of the most important concepts in Heidegger’s Philosophy is *Gestell*, being one of its possible translations: *positionality*. To talk about *Gestell*, for Heidegger, is to talk about the nihilistic course of western metaphysics in pursuit of the unveiling of the being. However, the author affirms that “the overcoming of all distance does not engender any closeness”, in a way that the search for truth of the being, ontology’s work, extracting the intelligible in service of technique, does not bring closeness, but rather distance from the truth. The text seeks to interpret the concept of *positionality* in Heidegger whilst present in the unfolding of ontology, which not only requisites That-being to present itself but is itself subject to the orderability of the *Gestell*. Moreover, the text resorts to the notion of “writing”, which for Derrida, is thought in terms of supplement, a symbol of what is not present, always forwarding unto other symbols when seeking for true meaning. Here, as well, it seems essence is not something presentable through a symbol. Finally, Levinas’ concept of *The Said* is used to demonstrate what is lacking, that is, *The Saying*, which is previous to any linguistic system and any other sign and is subjected to *The Said* as a consequence of the human

need for intelligibility. Thus, it is sought to relate writing as a supplement for Derrida and *The Said* of Levinas as manifestations of the *Gestell*.

Keywords: ontology, *Gestell*, *positionality*, supplement, *The Said*.

Introdução

O trabalho tem como objetivo analisar três autores da filosofia, Heidegger, Levinas e Derrida segundo um fio condutor que perpassa suas filosofias, o que ocorre em diversos momentos, mas cujo enfoque presente será sobre os dispositivos¹ os quais a metafísica se utiliza em busca da verdade, ao longo de um percurso niilista que termina por engendrar sua própria decadência. Não é compreendido, que essa pretensa busca pela verdadeiro, faz-se a serviço da técnica mundana, não relacionada com o supra-sensível, que é marcante no discurso metafísico. A própria técnica, questão central para o argumento, é levada a cabo mediante uma violência sobre a *physis* e sobre o ente, de onde busca-se obter “à força” alguma verdade presenciável.

Em um segundo momento, o trabalho explora a ideia da escrita enquanto dispositivo da humanidade para fins de inteligibilidade do discurso, mas que novamente exerce violência sobre a *physis*, por ser a escrita um artifício. Para Levinas, o próprio *Dizer* uma vez expressado e tornado comunicável e traduzível aos interlocutores, ou seja, integrando o sistema linguístico, enquanto *Dito*, pode ser entendido como técnica. Assim, há algo que se perde de essencial recorrendo aos dispositivos, que não se fez claro durante o desenvolvimento da metafísica clássica, e, que pretende-se discutir, não constituindo, no entanto, pretensão do texto de solucionar a questão da metafísica ocidental, e sim, de trazer à tona o debate sobre os dispositivos os quais a metafísica ocidental utiliza.

Deus Morreu, Só há Ge-stell

Em *A Palavra de Nietzsche Deus Morreu* (1998) Heidegger descreve a metafísica ocidental como uma proposta para abordar a questão da verdade do ente enquanto sua totalidade. Para isso, Heidegger recorre a Nietzsche que descreveu o Niilismo não só

¹ Dispositivo em sua acepção foucaultiana é “um conjunto heterogêneo, que inclui virtualmente qualquer coisa, linguístico e não-linguístico no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos” (AGAMBEN, 2005, p.9). Mais adiante, essa rede sempre está em função de uma relação de poder e permite distinguir o que pode ser aceito ou não em sociedade enquanto científico (enquanto técnica).

como o decorrer da história ocidental², mas também, como estágio final do caminho que essa metafísica se propôs a cumprir.

Através da inversão cumprida por Nietzsche, resta à metafísica ainda apenas a perversão na sua anti-essência [Unwesen]. O supra-sensível torna-se num produto inconsistente do sensível. (HEIDEGGER, 1998, p. 243).

A metafísica em seu trabalho ontológico, busca representar o ente enquanto ente, des-vela-lo, ainda que a verdade do ser permaneça velada, em sua incapacidade de ser exposta, e no entanto a própria metafísica vela sua atitude, as vezes sem o saber, não possuindo a verdade do ser, mas apresentando aquilo que se sabe sobre o ente como a totalidade de sua verdade (HEIDEGGER, 1998, p.246). Nesse sentido, aquilo que a metafísica propõe como supra-sensível (a verdade do ser) é apenas um produto do sensível (do ente); uma técnica.

No começo do capítulo *Posicionalidade das Conferências de Bremen*, Heidegger diz, "O começo do caminho demonstrou: a maestria de todas as distâncias não traz qualquer proximidade"³ (2012, p. 23). A "maestria de todas as distâncias" é um trabalho que a técnica na sociedade humana realiza, sendo que a essência da técnica reside no processo chamado: *posicionalidade (Ge-stell)* nos termos de Heidegger. Esse processo tem a característica de desafiar; requisitar que os entes se apresentem. Aqui é possível pensar a utilização do conceito de "ente" pelo autor em sua relação intrínseca com o *ser*, ou seja, o *ser* é requisitado a se fazer presença enquanto ente, a mostrar sua verdade diante de um tribunal do conhecimento. Ainda assim, alerta, essa requisição decorre em última instância em nada (mostrando aqui uma relação com o Niilismo), pois a *posicionalidade* engloba tudo a seu redor, mas ainda assim a presença se faz apenas dentro do seu circuito (2012, p.28). Nessa atividade, o homem é convidado a se posicionar diante da *physis* e do mundo de forma a se impor; de modo bastante agressivo perante a natureza. A ciência moderna e a técnica realizam esse trabalho invadindo e "tomando de assalto" a *physis* de forma exemplar (WERLE, 2011). Poderia

² Niilismo é o movimento criado por Nietzsche que "já domina através dos séculos precedentes e que determina o século actual" (HEIDEGGER, 1998, p. 247). O movimento fora instaurado pela célebre frase: "Deus Morreu" afirmada pela primeira vez em a Gaia Ciência (1882). É comumente entendido como o processo percorrido pela história da humanidade que promoveu um processo civilizatório nada natural reforçado especificamente pela moral-cristã. No entanto, Heidegger interpreta o niilismo, nesse texto, não em seu aspecto ateu/religioso, mas enquanto percurso incessante da metafísica Ocidental rumo à perseguição da verdade do ser.

³ Tradução livre: "The beginning of the path showed: all mastery of distances brings no nearness at all".

se pensar essa violência em termos de uma destruição ecológica, por exemplo, pensando um rio onde a *posicionalidade* remeteria à função da hidrelétrica que lhe toma conta, como se, enquanto fenômeno de exploração da *physis* fosse, portanto, uma consequência da ambição e do poder destrutivo do homem. Heidegger acredita, no entanto, não ser o caso. Afinal, a violência realizada pela *Ge-Stell* que "toma de assalto" a natureza não têm por objetivo ambição ou destruição, mas ordenação. A *posicionalidade* extrai toda presença e a ordena completamente em seu processo, e, enquanto os homens podem realizar muitos desses processos da técnica, eles somente o fazem, porque eles mesmos estão circunscritos a essa ordenação, ou seja, requisitados a se apresentarem. "O Humano" não existe, dirá Heidegger, senão enquanto indivíduos pertencentes a um sistema ordenado que realizam a extração e ordenação da *physis*; homens são empregados da *posicionalidade* e não mestres.

É nesse sentido que o trabalho de extração da inteligibilidade dos entes é produzido por meio da *posicionalidade* e em meio a seu circuito, mas nesse caso não há verdade (*alethéia*) do ser (aquele que se des-vela e vela novamente) pois há apenas presença/extração. O ser continua velado ainda que o ente apareça como exposto. A metafísica, enquanto ontologia, produz inteligibilidade completamente dependente da técnica, que não diz respeito à pura verdade do ser. Por esse motivo Heidegger aponta o supra-sensível como "produto inconsistente do sensível", realiza-se uma crítica, portanto, à metafísica como fruto da *posicionalidade*, da presença plena, do saber calcado na técnica. É esse o destino niilista da história da metafísica ocidental em sua perseguição do ser. "Deus está morto", parece ser o estágio final dessa história, sendo que "Deus", conforme a interpretação heideggeriana de Nietzsche, representa o supra-sensível e mesmo o mundo das ideias platônico (HEIDEGGER, 1998, p.250).

Não ouviram falar de um homem louco que, na clara manhã, acendia uma lanterna, corria para o mercado e gritava incessantemente: "Procuro Deus! Procuro Deus!" - Mas como lá estavam reunidos justamente muitos daqueles que não acreditavam em Deus, provocou um grande riso. [...] O homem louco saltou para o meio deles e trespassou-os com o seu olhar, "Para onde foi Deus?", exclamou, "vou dizer-vos! Matámo-lo - vós e eu! [...] - Aqui silenciou-se o homem louco, e voltou a olhar para os seus auditores: também eles se silenciavam e olhavam surpresos para ele. Finalmente, lançou a sua lanterna ao chão de tal modo que ela se quebrou e se apagou. "Chego demasiado cedo", disse então ele, "ainda não chegou o meu tempo. [...]Este acto está ainda mais distante deles que os mais longínquos astros - e, no entanto, fizeram-no eles mesmos!" (NIETZSCHE, p.129 e 130 apud HEIDEGGER, 1998, p.249).

O que a princípio poderia interpretar-se como prova do ateísmo de Nietzsche, ao declarar que "Deus está morto", não obstante, não parece apontar necessariamente para esse caminho, já que o "louco" contrasta com os ateus ao seu redor, que riem dos seus dizeres. Ao considerar como "Deus" tudo aquilo que é supra-sensível, Heidegger trata essa passagem como referência à desvalorização dos valores supremos, a evidência de que o mundo ideal, assim como Platão concebera nunca foi feito para realizar-se dentro do mundo real. É assim que um Deus cristão e o supra-sensível estão sempre mortos enquanto meros dispositivos da *posicionalidade*, não havendo espaço para a *alethéia* conquanto são completas presenças, des-velamentos. Deus se decompõe, seu trono é vazio, e, há apenas os homens e suas vontades de poder, características intrínsecas aos homens em sua aspiração de dominação. Assim sendo, "os valores são as condições da própria vontade de poder instauradas por ela mesma" (HEIDEGGER, 1998, p.267), valores estes que se modificam ou se mantêm de acordo com o poderio de quem os criou. Os valores tidos como supremos mostram-se ociosos e o que vem à tona é a técnica, dispositivo que possibilita a presença dos entes e mesmo de qualquer forma de conhecimento.

O Phármakon, o Suplemento e o Dito

Na tentativa de pensar os dispositivos da *posicionalidade* em suas diversas formas e aplicações, prosseguiremos analisando a escritura enquanto *phármakon*, conforme analisado pelo autor Derrida, a partir do texto *Fedro* de Platão. No texto, a figura mitológica de *Thot* que tenta "vender" a invenção da escritura conversa com o rei:

"Eis aqui, oh, Rei", diz Theuth, "um conhecimento (máthema) que terá por efeito tornar os egípcios mais instruídos (sophoterous) e mais aptos para se rememorar (mnemenikotérous): memória (mnéme) e instrução (sophía) encontraram seu remédio (phármakon)". (PLATÃO, *Fedro* apud DERRIDA, 2005 p. 44).

A princípio, *Thot* apresenta a ideia da escritura como um *phármakon*, que pode significar, dentre outras coisas, remédio ou veneno, como técnica cuja função é sanar os defeitos de memória. O conceito de *phármakon*, que no grego chega a significar opostos, é utilizado especificamente para retratar a desconfiança de Platão quanto aos efeitos da escritura, e, ao mesmo tempo em que *Thot* tenta "vender" a escritura como remédio, o rei desmascara seu discurso mostrando os efeitos perigosos dessa técnica, afinal a escritura não fortaleceria a memória, mas a tornaria débil, já que todos confiariam no que está escrito e não mais buscariam gravar as palavras na alma, sendo

portanto a escritura, um veneno. Em analogia à escritura enquanto um corpo orgânico, Derrida segue mostrando que Platão no *Timeu*, assim como em *Fedro*, acredita que o organismo vivo tem um curso a seguir, suas próprias formas e ritmos (Derrida, 2005, p. 47) e aquilo que desvia seu curso tanto para a saúde como para a doença, o que é exatamente o caso do *phármakon* em toda sua ambiguidade, é um inimigo da *physis*.

Será que se pode dizer sem anacronismo conceitual — e portanto sem falta grave de leitura — que os *túpoi* são os representantes, os suplentes físicos do psíquico ausente? Seria preciso, antes, pensar que os rastros escritos não dependem sequer da ordem da *phúsis*, pois não estão vivos. (DERRIDA, 2005 p. 52).

A escritura, portanto, é técnica, aos olhos de Platão, inimiga dos organismos vivos, e aquela que torna as “almas esquecidas” produzindo não-saber. Como o sofista, apenas imita o que sabe e produz aparências (Derrida, 2005, p.53). A escrita enquanto “suplente físico” do que está ausente aborda o conceito caro à Derrida de “suplemento”. No livro *Gramatologia*, Derrida apresenta a escritura como representação da fala, que por si é representação natural do pensamento. No entanto, a escritura é inegavelmente:

[...] a adição de uma técnica, é uma espécie de ardil artificial e artificioso para tornar a fala presente quando ela está, na verdade, ausente. É uma violência feita a destinação natural da língua [...] (DERRIDA, 2017 p. 177).

De modo que a escrita, ou o suplemento, é técnica, é *posicionalidade* e realiza essa atividade enquanto algo exterior à fala, não enquanto um complemento que viria a completar seu sentido desde dentro, mas enquanto suplemento que adiciona desde fora, a escrita aparece para acrescentar através da substituição. Ela faz presente a representação através do signo que, por sua vez, representa o que está ausente. A escrita, o signo, serão marcas de um vazio, de algo que não pode se fazer inteiramente presença. O suplemento é esse dispositivo, esse *phármakon* que possibilita a artificialidade da presença, afinal ele é representação, no entanto o que poderia ser percebido como uma extração da inteligibilidade da palavra, enquanto *posicionalidade*, em sua análise mais profunda, mostra-se como signo que substitui o vazio da palavra, e o processo de significação nada mais seria que o remetimento a outros signos, outras marcas, outros dispositivos. Como argui Derrida, procure o significado de qualquer palavra no dicionário, e você será sempre remetido a outras palavras, o significado em si não está presente.

É possível realizar uma comparação com o *Dizer* e o *Dito* para Levinas, conforme apresentado em *De outro Modo que Ser* (2011). Enquanto o *Dito* está atrelado ao ato

suplementar de demonstrar, de nominar, de representar; o *Dizer* é anterior a todo e qualquer sistema linguístico ou de signos, é aquilo que exige proximidade (entenda-se não como essa suposta proximidade que percorre todas as distâncias afim de extrair presença, mas aquela que permite o des-velamento e velamento da coisa conforme seu tempo) e o compromisso de chegar mais perto para que possa se realizar. Possui uma característica transcendente que incute responsabilidade a quem está em sua proximidade, pois o *Dizer*, formulação “pré-original” (LEVINAS, 1987, p. 48) logo torna-se imiscuída em tudo que é *Dito*, afinal, dirá Levinas, esse é o preço da comunicação. É assim que o *Dizer* se submete ao sistema linguístico, tornando-se escravo da linguagem, que lhe trói, mas que ainda assim é indispensável, pois esse é o preço que se paga para ter tudo à disposição.

O *Dizer* e *Dito* podem produzir um exemplo mais impactante para se pensar a técnica e a *posicionalidade*, talvez, que a ideia da escrita enquanto suplemento, afinal, antes da escrita você possui a fala, que em teoria mantém certa originalidade, enquanto o *Dizer* é escravizado por toda e qualquer forma de sistema linguístico ao qual se submete. No entanto, como dito anteriormente, a fala, para Derrida, já é representação do pensamento, e o suplemento não se reduz à escrita linguística, mas pode ser pensada por meio de marcas, traços e tudo aquilo que é signo para o que está ausente. Independentemente de pensar em termos de *suplemento* ou *Dito*, trata-se de pensar em dispositivos que tem como função a ordenação do mundo e que possibilitam o conhecimento e a extração da inteligibilidade que a humanidade produz, mas conforme Heidegger, que está a serviço de um mundo comandado pela *posicionalidade* (*Ge-stell*), onde o que está em acesso é a verdade do ente enquanto atrelado a esse sistema de signos, de marcas, de escritas, de ditos.

Conclusão

A busca pela verdade do ente, a produção da ontologia, foi o projeto da metafísica ocidental desde seu surgimento com os gregos. Desde então, o caminho que a história ocidental segue, segundo a interpretação Heideggeriana de Nietzsche, tem se encaminhado para o Nihilismo onde há queda dos Deuses, dos valores supremos, e principalmente da própria metafísica. Enquanto a ontologia se propôs a perseguir a verdade, não percebeu que estava se sujeitando à própria função de ordenabilidade dos entes, e que o ser e sua *aletheia* permaneciam mais distantes do que nunca. A necessidade humana de extrair inteligibilidade e tornar tudo comandável e conhecível, lhe submete ao funcionamento da *posicionalidade*, de modo que se vê cercada de técnica

e o humano vive em um mundo onde poder exercer mais e mais sua vontade de potência, mas o faz sem perceber que está preso a um circuito onde ele mesmo está exposto e submisso a um conhecimento científico, talvez, mas que não atinge o supra-sensível.

A escrita, enquanto sistema linguístico que serve como dispositivo de criação de ordem, auxilia o humano em sua compreensão de mundo, e, como aponta Levinas, é mesmo indispensável para o objetivo de comunicação e processo de entendimento humano. No entanto, há que se compreender que esses signos, aos quais são atribuídos tanta significação e possibilidade de inteligibilidade, são suplementos para o que está vazio, que não se faz ali presente. O que se alastra no sistema de significação é uma série de remetimentos a outros signos, mas o que há por trás disso não se atingirá através da presença plena. O conhecimento chega apenas até certo ponto, pois está circunscrito ao seu próprio circuito, e dentro dele o humano pode realizar toda extração e exploração que for capaz de realizar, incluindo a sua própria já que é serviçal da *posicionalidade*. No entanto, Heidegger sugere que o ser em todo esse processo está apenas como rastro. Pois presença plena, nunca possibilita proximidade. Aquela proximidade necessária para o *Dizer* se fazer ou mesmo o ser se revelar, pede distanciamento também. Este se faz, segundo o filósofo alemão, como o possível único acesso ao ser, que se dará enfim como uma espécie de relance. O relance no qual o ser se aproxima e se des-vela, e imediatamente se pode encobrir e se distanciar. Essa proximidade não está sujeita a extração inteligível, mas se faz mediante o respeito pelo processo do ser que não se pode ordenar ou tornar-se eternamente memorável como o *phármakon*, mas se imprime na alma apenas através do relance, e em seguida do esquecimento, como aquilo que não é passível de conhecimento.

BIBLIOGRAFIA:

AGAMBEN, G. *O que é um Dispositivo?*. Tradução de Nilcéia Valdati. Outra Travessia, Ilha de Santa Catarina, vol. 5, p.9-16, 2005.

DERRIDA, J. *A Farmácia de Platão*. Tradução de Rogério de Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DERRIDA, J.. *Gramatologia*. Tradução de Chnaiderman e Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2017.

HEIDEGGER, M. *Caminhos da Floresta*. Tradução de Irene Borges-Duarte. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

HEIDEGGER, M. *Bremen and Freiburg Lectures*. Tradução de Andrew J. Mitchell. Indiana: Indiana University Press, 2012.

LEVINAS, E. *De Otro Modo que Ser O Má Allá de La Essencia*. Tradução de Antonio Pinto Ramos. Salamanca, Espanha: Ediciones Sígueme, 2011.

OSMAN, E. *O Phármakon de Jacques Derrida*. *Contextura*, Belo Horizonte, nº 8, p. 11-19, jun 2016.

SAYÃO, S. C. *Entre o Dizer e o Dito: Sobre a Precariedade e a Finitude de Nosso Saber em Emmanuel Levinas*. *Conjectura*, Caxias do Sul, v.16, n.1, jan/abr 2011.

WERLE, M. Aurélio. *Heidegger e a Produção Técnica e Artística da Natureza*. *Trans/Form/Ação*, Marília, p.95-108. 2011.

Recebido em outubro de 2019

Aceito em Maio de 2020